



gradiva

Aquela que
resplandece ao andar.

Título de novela onírica
de Wilhelm Jensen,
publicada em 1903.

Obra que inspirou
Sigmund Freud na escrita
de *Delírio e Sonhos*
na *Gradiva de Jensen*.

Editores portugueses
fundada em 1981.

FAINA

MARTA PAIS OLIVEIRA

Vencedora do Prémio Literário Revelação Agustina Bessa-Luís

gradiva | romance

© Marta Pais Oliveira / Gradiva Publicações, S. A.

Revisão de texto **Elisabete Lucas**

Capa **Susana Villar**

Imagem © **Ana Pais Oliveira**

Fotocomposição **Gradiva**

Impressão e acabamento **Europress, L.^{da}**

Reservados os direitos para Portugal por **Gradiva Publicações, S. A.**

Rua Almeida e Sousa, 21 – r/c esq. • 1399-041 Lisboa

Telefone 213 933 760 • geral@gradiva.mail.pt

 www.gradiva.pt

 [gradiva.publicacoes](https://www.facebook.com/gradiva.publicacoes)

 [@gradivapublicacoes](https://www.instagram.com/gradivapublicacoes)

1.^a edição **julho de 2024**

Depósito legal **533 226/2024**

ISBN **978-989-785-302-9**

gradiva

FUNDADOR **Guilherme Valente**

Parte dos direitos de autor desta edição reverterem para as companhias de Arte-Xávega de Espinho.

NOTA

Por indicação da autora, o texto do presente livro obedece ao novo acordo ortográfico.

Ao Pedro

Parte I

*O que nunca antes se
tinha visto sair do mar*



*«Vista de perto, a vida das pessoas só era seguida
à linha de água; as profundezas não se enxergavam,
lá onde passam os peixes cegos e as raias gigantes.»*

AGUSTINA BESSA-LUÍS

*«Eu não meti o barco ao mar
Pra ficar pelo caminho»*

JOSÉ MÁRIO BRANCO

A visita da Menina

Vai nesse vento todo que chega pelas costas.

Leva o puxo metido dentro da rede. Poderia atacá-la que nem um só fio de cabelo se moveria. Surpreendê-la num ímpeto, isso sim, nota-se no andar relaxado que não espera tal coisa. Tão fácil seria deitá-la ao chão.

Bastará lambe-lhe os pés. Não se nomeia coisa mais triste do que olhos parados, leva-os sem movimento algum. Quanto a si, na dúvida, escolhe o caminho novo. Nunca vive exatamente da mesma forma — seria o fim. Acompanha há muito tempo — não se lembra quanto tempo — as rotinas daquela gente. Essas, ao contrário, repetem-se vezes infinitas. E mais uma, e mais uma, e mais uma, quem aguenta tal volta? Pode ter sido por isso que as coisas se precipitaram para terminar. Mas nada terminou, ainda. Existe só esse prenúncio constante. Cansa, também cansa.

Por enquanto, irá morrer àquela rocha. Vai uma porção sua nos olhos que não se animam por nada, estáticos. É o

que é. Uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Não penses nisso. Vai ela murmurando estas insignificâncias, gotas da espuma da onda no pescoço, que um dia isto acaba, enquanto se descalça para entrar em casa. Atira o cesto para a mesa, suspira, diz-me se já puseste as mãos num polvo, se lhe tiraste o olho central, se lhe lavaste os tentáculos. Escorrega com tanta facilidade. Tenho medo que se suma por um burquinho que não vi, vai dizendo, que nem a cabeça o segure. Tenho esse medo.

Falas comigo?

Não, cala-te.

O Menino sai para a rua. Olha o céu: vem aí toda a chuva que nasce no mar. Não sabe onde se perde o sal. Já se cobriu no relento da noite com uma rede de pesca, já sonhou que era parte da água, parte de mim. Dói-lhe ver os bois vergastados. Alegra-o a ausência da boina preta, está o pai fora. A barba de três dias, branca, é neve no rosto queimado pelo sol, espelho que reflete a praia. O bigode maior, bem aparado, e as sobrancelhas cerradas dão-lhe um ar circunspecto. Raramente mostra os dentes.

Falta a irmã. Volta para dentro.

Anda!

Ela sai a correr. O Menino leva a vara ao ombro com duas cestas, a Menina leva a mesma vara e outra cesta à cabeça. Perdeu uma argola nessa manhã, está triste, tem vergonha da orelha nua. As calças dele são compridas e não se percebe se leva sapatos ou não, ela vai descalça. Por vezes, magoa-se num pé, mas a dor de ir descalça é sempre menor que a dor de levar tamancos apertados. A alegria das dunas e da nortada é sempre maior do que impacientar-se dentro de quatro paredes que está certa de

encolherem um pouco todos os dias. Qualquer dia ainda os esmaga durante o sono. Prefere adormecer lá fora, deitou-se a namorar vezes sem conta nas vegetações rasteiras, entre cardos, feno das areias e chorões. Também suor.

Um dia pediu ao pai.

Faz-me um barquito de brincar.

Não há tempo para brincar.

O irmão pediu por ela um vestido lilás, tinha mais sorte, era quase homem.

Tem um vermelho.

Ela queria um lilás.

Que trabalhe pra ganhá-lo.

Acelera o passo rumo à praia. Agora a da porta ao lado também está grávida. Nascem sempre mais. É difícil conseguir dinheiro quando há tantas crianças. O que queria era um mordomo, sabia existirem pessoas nascidas para servirem outras. Queria saber de quem era aquele livro deixado no muro perto da praia, perguntou ao do tasco em frente, era de uma senhora bem vestida que acompanhava o marido nos negócios, o que faziam eles aqui?, iam fazer uma fábrica, aqui? Aqui. Não sentiu nada sobre isso. A luz incidia sem medo, inteira.

A culpa não é do espelho se mostra virgem grávida.

Não havemos de lá chegar. Esqueceram-se de largar a âncora e a tempestade anuncia-se. Por agora, bastará lambe-lhe os pés. Vai combalida por ter ido visitar a Dona, as mãos longe do ventre. A questão é que não sentia nada. Achavam aquilo dureza, mulher feita, ouvia, mas era mais uma apatia generalizada. Crescer seria isso de encarar a desilusão como o prato do dia. Ou outra coisa. Em tempos acharam que ela não compreendia nada, criança. Ouvia

tudo muito atenta, fazendo-se distraída, e acedia ao mundo das intrigas e das coisas ditas contra as coisas feitas. Percebeu que a lua afeta o mar tal como afeta as mulheres, disse alguém que escreve.

Vou contar-te uma história.

Estou farta de histórias.

A Dona tinha cortinas. Atrás podia haver algum tesouro, belíssimo, coisa oculta que a chamava, porta para outro lado, talvez um alçapão. Sempre que entrava em casas com cortinas, abria os olhos tanto quanto cada pálpebra suportava. À primeira oportunidade, esgueirava-se a perceber o que ali havia. Mas a Dona não tirava os olhos de si.

Se lhe disserem que a ondulação é determinada pelas depressões circulantes acima do oceano, responderá que a causa são as depressões que vivem nas cabeças das pessoas. Quando o Assobio está zangado, o mar está zangado. Não o contrário. Quando amansa, o mar acalma, cascatas de espuma de brincar. Como está agora, suave, saiu a rede e vê um peixe com cara de homem, apanham-no mãos fortes, saltam tão alto estes peixes, aquele podia tocar um astro, também eu podia, e todos esses caranguejos com ferrões no ar. Para lá das guelras vermelho-sangue, do pó de oiro da areia, já correm as mulheres, a praia é violeta, em breve cai o manto, em breve.

Tão fácil seria deitá-la ao chão. Uma onda mais longa e logo recuo docemente.